

**Caminhar e cartografar o espaço das bordas:
experiências paisagísticas de jardins compartilhados em Bauru - SP**

SESSÃO TEMÁTICA: ET2 – DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO, E DA
GESTÃO DA PAISAGEM

Natália Yoshimi Tonossu
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), Câmpus de Bauru - SP
E-mail: natalia.tonossu@unesp.br

Hélio Hirao
Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Câmpus de Presidente Prudente - SP
E-mail: hélio.hirao@unesp.br

RESUMO

A pesquisa investiga como as práticas cotidianas de “jardinar” revelam modos singulares de habitar as bordas ferroviárias de Bauru - SP, na área residual da antiga Estrada de Ferro Sorocabana. Compreendidos como bordas urbanas, são tradicionalmente marcados por abandono, exclusão e ausência de função, mas também configuram potenciais de reinvenção por meio das ações de seus habitantes. A investigação compreende as bordas como interstícios da cidade, onde emergem experiências paisagísticas compostas por modos de habitar singulares envolvendo o cultivo e cuidado com o espaço. O trabalho utiliza caminhadas urbanas e cartografia como metodologias de apreensão e cognição, permitindo mapear práticas, afetividades e espacialidades que não aparecem em análises convencionais. Os três jardins compartilhados identificados ao longo dos trilhos expressam a atualização de tais fragmentos abandonados da cidade, materializados em vínculos afetivos e modos de habitar que reinventam e ressignificam as bordas urbanas.

PALAVRAS-CHAVE: jardim compartilhado; espaço das bordas; habitar; paisagem.

ABSTRACT

The research investigates how everyday “gardening” practices reveal unique ways of inhabiting the railway edges of Bauru - SP, in the residual area of the former Sorocabana Railway. Understood as urban edges, they are traditionally marked by neglect, exclusion, and lack of function, but they also present potentials for reinvention through the actions of their inhabitants. The study considers the edges as interstices of the city, where landscape experiences emerge that are composed of unique ways of inhabiting involving the cultivation and care of the space. The work employs urban walks and mapping as methodologies for apprehension and cognition, allowing the mapping of practices, affectivities, and spatialities that do not appear in conventional analyses. The three shared gardens identified along the tracks express the revitalization of such abandoned city fragments, materialized in affective bonds and ways of inhabiting that rein

urbano. Frequentemente são marcados por processos de exclusão, segregação e marginalização. No entanto, compreendê-los como espaços das bordas (Arroyo, 2007; Cabral, 2019) infere uma leitura voltada, não apenas ao fechamento daquilo que é detrito e vazio de funcionalidade. É também incorporado uma abordagem voltada às possibilidades e aberturas às suas atualizações e transformações cotidianas, promovidas pelos habitantes que passam a agir sobre o espaço.

As ações que compõem os espaços das bordas fazem parte dos modos de habitar a paisagem. Cotidianamente, as experiências paisagísticas são inscritas no corpo dos habitantes, e expressas por meio de materializações no espaço físico. As manifestações e apropriações dos habitantes revelam o sentido da paisagem: a experiência que se tem ao habitá-la. Assim, apreender os modos de habitar que ocorrem no espaço físico podem se tornar importantes para envolver a paisagem na sua dimensão humana. Fornecendo pistas para intervenções possíveis, que sejam acolhedoras para espaços invisibilizados e vulneráveis como as bordas.

A cidade de Bauru (Figura 01), situada no centro-oeste do estado de São Paulo, resguarda àquilo que pode ser compreendido como as bordas: uma área residual ferroviária que, diante do contexto histórico-social de enfraquecimento do modal ferroviário e favorecimento de políticas voltadas ao transporte rodoviário, passou a abrigar resíduos urbanos. Historicamente, Bauru teve a ocupação inicial motivada pela imigração massiva, pela produção extensiva do café e pela ferrovia (Guirardello, 2020). O agrupamento de propriedades rurais no entorno do Ribeirão Bauru antecedeu a formação da Vila, fundada a partir do interesse em atrair uma estrada de ferro que permitissem o escoamento da eventual produção agrícola e valorizasse as terras da região.

Figura 1: Localização de Bauru – SP.



Fonte: Tonossu, 2025.

Tal interesse é concretizado com a chegada da primeira companhia ferroviária, a Companhia Sorocabana (1905) e, em seguida, recebe outras duas ferrovias, a Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (CEFNOB) (1



quais, diante da vasta área do patrimônio ferroviário, foram criados às suas margens, mesmo com tamanha dificuldade de agregarem-se em bordas opostas (Guirardello, 2020). Boa parte dos loteamentos populares se situaram ao longo dos trilhos e foram separados por eles, ocasionando desafios posteriores de conexão entre as áreas.

Todavia, na década de 1980, devido ao cenário de decadência do sistema ferroviário, os espaços anteriormente destinados ao transporte ferroviário tornam-se desamparados com os interesses e investimentos sendo destinados para as fronteiras das autoestradas e, em particular, as avenidas de entrada de Bauru (Guirardello, 2020). O cenário do “centro velho” foi sendo afetado pelos novos interesses nas áreas potenciais ao investimento nos serviços e comércio, favorecidos pelas vias de alto fluxo de veículos.

Com a redução e desativação dos trilhos, os processos de abandono intensificam-se no complexo ferroviário bauruense. No entanto, estes espaços das bordas passam a ser tecidos por práticas urbanas não planejadas pelo programa inicial. Dentre tais práticas, destaca-se a presença do “jardinar”, a construção de jardins compartilhados que se instalam nos interstícios desses espaços. Os jardins materializados revelam relações entre os habitantes e o espaço em que vivem, uma experiência paisagística (Besse, 2013, p. 47).

O presente trabalho, oriundo da pesquisa de Mestrado em andamento, questiona: como as práticas cotidianas de “jardinar” constituem modos de habitar singulares nas bordas ferroviárias, e o que revelam sobre a experiência paisagística? Foi desenvolvido a partir de três aproximações empíricas ao longo da Estrada de Ferro Sorocabana, em Bauru - SP. As estratégias metodológicas empregadas articulam caminhadas urbanas e cartografia enquanto métodos de apreensão e acompanhamento de processos, buscando apreender modos de habitar singulares promovidos por jardins compartilhados produzidos pelas comunidades. A partir dos registros do trabalho de campo e de sua posterior síntese cartográfica, propõe-se uma leitura das bordas como paisagens habitadas, reveladas por práticas coletivas que reinventam fragmentos urbanos.

2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

As bordas, comumente associadas às extremidades de uma superfície, remetem àquilo que é excluído, ou deixado nos limites de algo. Inserido no cenário da cidade contemporânea, é possível



das frestas, resíduos, vazios, etc. A ausência do planejamento e destinação contrastam com as aberturas a reinvenções reveladas com a presença e atuação dos habitantes locais.

O antropólogo Tim Ingold, na obra “Linhas: uma breve história” (2022), traz em suas contribuições que se torna errado supor que os habitantes, distintos do que nomeia como pessoas locais, estivessem confinados dentro de um lugar particular, ou que sua experiência estivesse circunscrita pelos horizontes restringidos de uma vida vivida só lá (Ingold, 2022, p. 172). Para o autor, definir os habitantes a partir de sua localização é um equívoco, uma vez que a experiência contempla uma conjuntura de relações que são construídas ao longo da vida.

Tratando-se da temática da paisagem, a abordagem de Jean-Marc Besse em “O gosto do mundo. Exercícios de Paisagem” (2014) traz uma perspectiva possível na compreensão do conceito, como o acontecimento gerado a partir do encontro concreto entre o homem e o mundo que o cerca (Besse, 2014, p. 47). Tal como Ingold, o autor engloba a dimensão humana como as relações ocorrentes entre o homem e o meio que vive. E, somente assim, possibilitaria definir a paisagem, passando a ser compreendida como uma experiência paisagística.

Ainda acerca do habitar, Besse (2014) define o conceito que, tal como Ingold (2022), não pode ser sintetizado em morar em um lugar ou criar raízes. Para o autor, além da permanência é essencialmente formar hábitos e viver de modo regular e cotidiano. A inscrição dos hábitos corresponde, dentro da experiência coletiva e individual, com a organização da vida em um espaço. São manifestados através de gestos e costumes, as atividades cotidianas e/ou espontâneas na paisagem.

O olhar para esta paisagem revela um modo singular de habitar que compõem a cidade contemporânea. A paisagem é o conjunto das relações existenciais que inferem a maneira de estar implicado com o mundo, ou os modos de habitar o mundo (Besse, 2013). Acima de uma representação da paisagem como um objeto a ser contemplado e produzido, é uma ordem de participação que possibilita o pertencimento e compromisso.

Nesse sentido, a paisagem se encaminha para o que Besse (2014) traz como vernacular. O termo, provindo da concepção de John Brinckerhoff Jackson, em “Discovering the Vernacular Landscape” (1984), contrapõe-se com a



enfrentados. Essa resistência decorre do cotidiano, da vida urbana que potencializa os “desvios da arquitetura e dos espaços urbanos”.

Nesse sentido, a paisagem habitada ou vernacular, passível de ser atualizada pelos desvios do espaço pré-concebido, ou ainda, pelas reinvenções cotidianas, pode ser apreendida a partir de ações que a atravessam. Uma das ações promovidas por habitantes é o “jardinar” a cidade. Especificamente, não sendo retratados como jardins particulares de residências ou espaços fechados, Besse (2021) atribui como jardins compartilhados àqueles concebidos, criados e gerenciados por habitantes de um bairro. Caracterizam-se não pela localização em espaços livres da cidade, mas pelo contato de um coletivo que constrói o jardim.

3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

As estratégias metodológicas se voltam para a identificação e reconhecimento das resistências e reinvenção nas bordas da cidade, além da representação objetiva das suas formas, somadas aos aspectos apreendidos no que diz respeito à produção de subjetividades.

A cartografia (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009) como metodologia adotada, promove a fuga do meio tradicional de representação de objetos, trata-se de considerar o mapa e prática cartográfica como uma expressão dos fluxos, movimentos e intensidades que atravessam a paisagem. Cartografar acompanha processos em curso, apreendendo no trabalho de campo, essas variáveis em conexão, as ações que emergem e criam uma prática coletiva (Barros; Kastrup, 2009). Os autores tratam de pistas, acerca da postura do cartógrafo, de estar aberto e atento às pontas soltas, a fim de apreender o desenho da rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado.

A apreensão parte da esfera da experiência, de estar presente em campo, de estar aberto ao encontro com o outro, o inesperado, não planejado, incluindo aquilo que é subjetivo, corporal, sensorial na sua atuação. Nesse sentido, a cartografia fornece pistas durante as caminhadas, adotadas nesse procedimento metodológico que, diferentemente dos convencionais urbanísticos, em análises vistas de cima - realizadas por meio de mapas, plantas, dados concretos, etc. -, propõe uma análise

contrapunham à cidade espetacular e às pessoas como espectadores. Esses momentos revelam a vida urbana inscrita no corpo dos habitantes, e são construídos pela organização coletiva de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos. Ao estar em campo, o pesquisador é atravessado por essas atmosferas, e está aberto aos acontecimentos da vida cotidiana.

4 RESULTADOS

4.1 Da apreensão ao mapeamento

Durante a investigação, três aproximações com os jardins foram promovidas às margens da Estrada de Ferro Sorocabana, em Bauru - SP, situados na figura abaixo (Figura 2). As caminhadas foram realizadas em dias e percursos distintos, cuja a intenção foi apreender, em campo, os hábitos cotidianos que compõem e atualizam a dimensão vernacular da paisagem. O recorte empírico da pesquisa foi voltado aos jardins compartilhados, a fim de promovê-los como potencializadores de uma ressignificação de um espaço das bordas: uma ação de cultivo e cuidado que progride relações afetivas com a área residual.

Figura 2: Recorte espacial das experimentações.



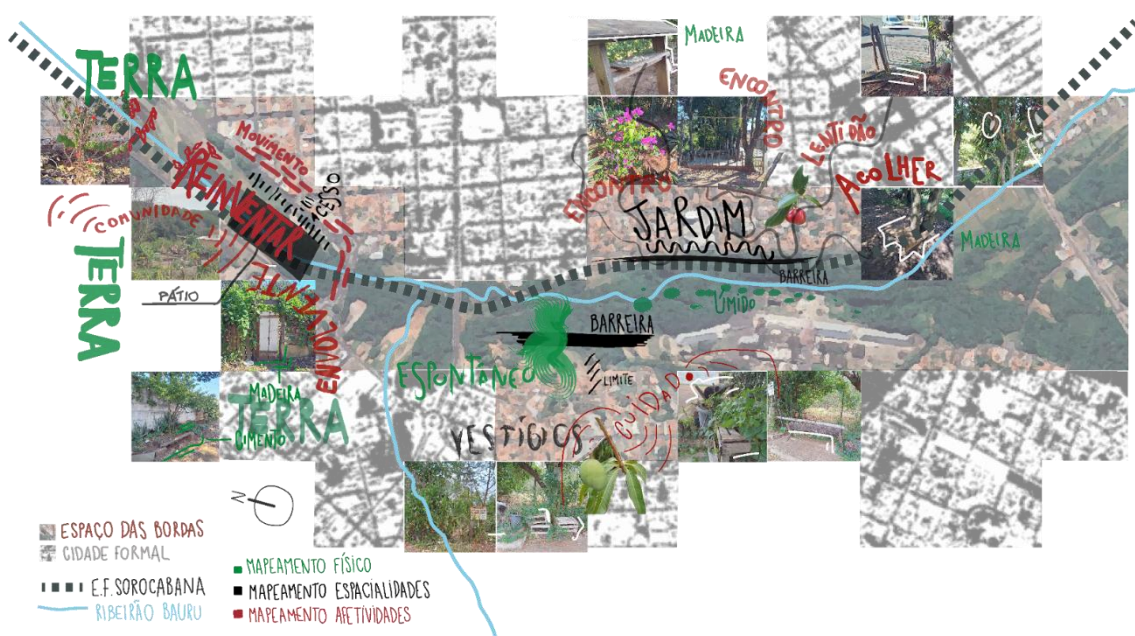
Fonte: Tonossu, 2025.

O procedimento metodológico das caminhadas urbanas permite uma certa ambiguidade no trajeto a ser percorrido: segundo Francesco Careri (2022), o andar 'sem rumo' é concebido como um projeto racional e irracional, funcional e não funcional, onde possui um fim a se chegar. Assim, as caminhadas, abertas aos processos desviantes, demandam também uma definição prévia do percurso, ou um fim a ser alcançado. Para o presente trabalho de campo, assentou-se a ferrovia como um fator determinante para a definição dos trajetos, uma vez que as três aproximações compre

O registro acompanhou todo o processo de apreensão e cognição e, em campo, materializou-se através do diário de bordo, fotografias, vídeos, áudios, e no percurso georreferenciado por aplicativos de corrida e caminhadas. Tais registros foram etapas fundamentais para sua utilização na composição posterior do mapeamento cartográfico.

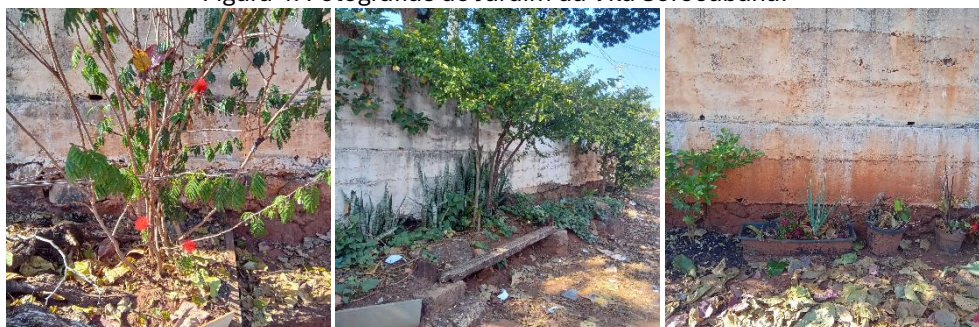
A elaboração do mapa não se trata apenas da representação objetiva do espaço concreto, mas atua como uma expressão dos modos de habitar singulares identificados. O mapa cartográfico (Figura 3) expressa a composição de fragmentos do espaço das bordas, em uma tessitura marcada pela cidade. Enquanto a cidade foi representada por uma vista aérea em preto e branco, a vista aérea colorida das bordas corresponde à vasta área livre da ferrovia Sorocabana, a qual abriga as três experiências promovidas. A última camada trabalhada corresponde ao mapeamento das apreensões, especificada a partir do ‘físico’, ‘espacialidades’ e ‘afetividades’.

Figura 3: Mapeamento cartográfico das experiências paisagísticas.



Ali, diante do cenário de sobrevivência, marcada pela negligência do Poder Público e o imprevisto dos moradores, uma ação de cultivo é identificada no jardim, distribuído nas áreas livres da vila (Figura 4). Nos canteiros da escada de acesso ao conjunto, na frente das antigas casas dos ferroviários e à margem da vila. As vegetações são mescladas em um mesmo pedaço de terra: flores, árvores frutíferas, ervas e plantas ornamentais. Simultaneamente em que, algumas espécies são cultivadas diretamente no solo, enquanto outras são tratadas em pequenos vasos. A composição do jardim é livre, não segue uma ordem formal de sua organização. Os materiais utilizados também são do imprevisto: cordas para amarração de vegetações, bancos de restos de construção - madeira e tijolos -, pedaços de piso de cerâmica que formam canteiros improvisados.

Figura 4: Fotografias do Jardim da Vila Sorocabana.



Fonte: Tonossu, 2025

O reconhecimento (Figura 5) também expressou uma proximidade, física e afetiva, do jardim com as casas dos moradores. O espaço assemelha-se mais a um quintal, coletivo, como extensão das moradas para além dos limites físicos que delimitam cada propriedade.

Figura 5: Mapeamento cartográfico do Jardim da Vila Sorocabana.



4.3 Jardim da rua Sorocabana

A rua Sorocabana acompanha paralelamente a linha férrea e o ribeirão Bauru. Fisicamente, tem uma barreira natural que a distância da ferrovia e do curso d'água: a topografia. Por ser a área de várzeas do rio, e pela implantação dos trilhos, a cota de altura destes é inferior à cota da rua e do bairro. Ao percorrer a via é possível acessá-los visualmente, embora o talude não permita que ocorra uma aproximação maior.

O segundo jardim investigado (Figura 6), construído entre os moradores do entorno, encontra-se às margens próximas da linha férrea, em um fragmento de espaço que faz limite entre a rua Sorocabana e a ferrovia. O fragmento tem uma extensão que acompanha três quadras do bairro, e assenta-se no que seria o passeio.

Figura 6: Fotografias do Jardim da rua Sorocabana



Fonte: Tonossu, 2025.

Ao adentrá-lo, em um portão improvisado de metal com um cercamento de toras de madeira, os caminhos internos percorrem toda a sua extensão. Durante o trajeto no jardim, encontramos imersos na prática de cultivo e cuidado dos jardineiros. Revelam-se espécies de flores, frutíferas e ornamentais. Destacam-se a presença de mobiliários de permanência e ornamentos decorativos, ou artesanatos que enfeitam o jardim. Reutilizando materiais como plásticos de garrafas PET's, transformam estes objetos em enfeites pendurados sobre a copa de arbustos, além de uma casa de pássaros, construída em madeira e abastecida diariamente com pedaços de alimentos.

Figura 7: Mapeamento Cartográfico do Jardim da rua Sorocabana



4.4 Jardim residual

Por fim, o último jardim compartilhado (Figura 8) localiza-se na fronteira com a área livre da ferrovia. O encontro com este cultivo ocorreu no dia 8 de outubro de 2025, ao adentrar o bairro Jardim Central. Em uma das aproximações com a rua que margeia a linha férrea, cercada, foi encontrado o jardim que possui uma dimensão extremamente pequena quando comparada aos outros retratados.

Figura 8: Fotografias do Jardim residual

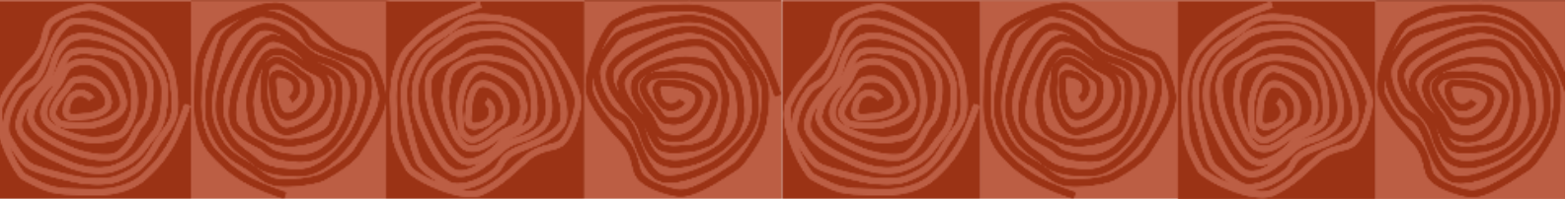


Fonte: Tonossu, 2025.

A pequena dimensão decorre do cercamento da linha férrea, a qual gerou uma porção de terra que extravasou o seu cercamento. Nesta área, alguns moradores encontraram a possibilidade de cultivar cactos, árvores frutíferas, e colocar vasos de plantas, sem uma ordenação. Simultaneamente ao cultivo existente, a manifestação da Natureza parece tomar conta do espaço. Os galhos das vegetações atingem e cobrem parte das espécies plantadas e de caixotes de madeira e vasos. E, embora quase que se apague o cultivo, alguns vestígios, como a vassoura, irrigador, revelam uma ação humana que ainda persiste neste espaço.

Figura 9: Mapeamento cartográfico do Jardim residual.





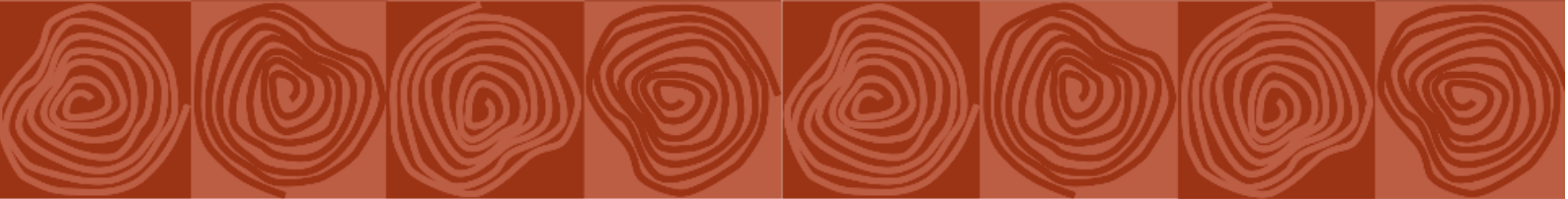
revelou a experiência paisagística dos habitantes da cidade. Em um primeiro momento, a caminhada urbana e a cartografia, procedimentos metodológicos complementares, atuaram como dispositivos de reconhecimento da presença desses jardins. Uma vez que não são identificados nos mapas e plantas tradicionais da cidade, demandam de uma investigação corpórea no espaço físico.

Em campo, após a identificação do objeto de estudo, o uso do registro tornou-se fundamental para o mapeamento. Mapear os modos singulares de habitar que compõem a experiência paisagística foi considerar, além dos aspectos físicos e concretos do terreno em questão, as afetividades e espacialidades. Por fim, a composição cartográfica realizada promoveu uma síntese de todo o mapeamento, um produto gráfico capaz de expressar àquilo que os mapas convencionais não representam, a dimensão humana da experiência paisagística.

Acerca das contribuições dos jardins compartilhados mapeados, os mesmos foram construídos a partir das ações de cultivo e cuidado - manutenção - coletivamente, materializados em espaços livres de naturezas distintas. Dentre as experiências relatadas e apresentadas anteriormente, foram esclarecidas singularidades que tornam as experiências distintas umas das outras.

À princípio, o primeiro jardim apresentado da vila Sorocabana está inserido em um contexto de resistência dos moradores quanto ao habitar. Os improvisos realizados nas edificações revelam a percepção de Heidegger (1954) acerca do habitar: “construímos e chegamos a construir à medida que habitamos”. A construção, referente tanto ao cultivo em que se tem cotidianamente, quanto às construções edificadas, advém com o habitar, a partir da demanda, necessidade e desejos em que prevalecem. Assim como trago por Besse (2014), o habitar da vila não ocorre apenas pela fixação das pessoas em uma localidade; o reconhecimento mostrou a resistência, acima da permanência, na luta diária dos moradores pela manutenção do espaço em que habitam.

O jardim, o qual assemelha-se a um quintal coletivo, também apresentou uma relação direta com a morada da comunidade, não apenas pela sua localização física, mas um vínculo afetivo. Os moradores constroem, à medida que habitam, não apenas as moradas individuais, mas a própria vila como um todo. O cuidado diário estabelecido com os jardins, no tempo em que se é dedicado para o plantio e sua manutenção, é capaz de expressar, significativamente, o afeto que se têm com o conjunto - vila e comunidade.



tornam o trajeto não retilíneo e, possibilitam, àqueles que adentram e/ou que constroem o jardim, uma experiência paisagística.

O terceiro e último jardim elucidam um habitar que não apresenta apenas a dimensão humana, tratadas a partir das ações de intervenção no espaço. Foi marcado a presença da Natureza, que se identifica como uma Terceira paisagem (Clément, 2004): em espaços destituídos de ordem ou destinação, baldios, também se constitui um território de hospitalidade para as inúmeras espécies que não mais encontram outros refúgios. Tais espécies passaram a compor o jardim, coexistindo com as ações de cultivo, revelando uma experiência paisagística marcada não apenas pelo ato de cultivo em um espaço das bordas, mas a Terceira paisagem que emergiu ali.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou elucidar a emergência de modos de habitar que configuram experiências paisagísticas à cidade. Tais experiências, marcadas por suas singularidades, reafirmam a centralidade das relações humanas - dos habitantes e meio que habitam - na compreensão e construção das questões urbanas. Levou em consideração o habitar como eixo central do trabalho, com enfoque nas inscrições cotidianas materializadas através dos jardins compartilhados.

A aplicação da investigação em um recorte espacial na cidade Bauru - SP trouxe também o tema dos espaços das bordas, ao retratar uma área residual ferroviária. As bordas são espaços vulneráveis ao abandono, negligência e fragmentação, com limites bem definidos que as afastam do restante da cidade. Especialmente no caso de Bauru, cuja vasta extensão do patrimônio ferroviário, destituído de uma funcionalidade, uma vez que os interesses atuais abarcam apenas o sistema rodoviário, encontram-se desamparados. No entanto, simultaneamente a este cenário, mostraram-se suscetíveis aos modos de habitar singulares.

O interesse nos jardins compartilhados do espaço das bordas é o cuidado e vínculo que se estabelece, não apenas com o cultivo em áreas pontuais, mas com o espaço que está assentado - a área ferroviária. A relação expressa por Besse (2014) como conversa com o local, é manifestada no processo de construção dos jardins, no cuidado diário com as espécies plantadas, ou na criação de objetos e áreas de permanência. A investigação reconhece como a presença destes jardins reivindicam vínculos afetivos com o espaço das bordas, áreas invisíveis e abandonadas.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Julio. Bordas e espaço público. Fronteiras internas na cidade contemporânea. Vitruvius, 2007.
- BESSE, Jean-Marc. Estar na paisagem, habitar, caminhar. In: CARDOSO, Isabel Lopes (org.). Paisagem e Patrimônio. Lisboa: Dafne Editora, 2013. P. 33 - 53.
- BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo. Exercícios de paisagem. Tradução por Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 234 p.
- BESSE, Jean-Marc. “Il paesaggio dei beni comuni: luoghi, pratiche, concetti”, in PANZINI, Franco (ed.) Prati urbani. I prati coletivi nel paesaggio della città. Treviso: Fondazione Benetton Studi Ricerche: 2018.
- BIASE, Alessia de. Astúcia. In: JACQUES, Paola Berenstein et al (orgs.). Laboratório urbano. Pequeno léxico teórico-metodológico. Salvador: EdUFBA, 2022. P. 38 - 42.
- BIERNATH, Karla Garcia. Vilas ferroviárias em Bauru. A Essência de Uma Cidade. 2010. 107 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2010.
- CABRAL, Arthur Simões Caetano. Paisagens Baldias. A natureza manifesta nas frechas da cidade. Curitiba: Appris, 2019. 266 p.
- CARERI, Francesco; CHAPARIM, Matheus Alcântara Silva; CAON, Paulina Maria. Entrevista com Francesco Careri – a Internacional Situacionista e as derivas contemporâneas. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), São Carlos, Brasil, v. 20, p. 255–278, 2022. DOI: 10.11606/1984-4506.risco.2022.200065. Disponível em: <https://revistas.usp.br/risco/article/view/200065>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- CLÉMENT, Gilles. Manifesto da terceira paisagem. Tradução: Lúcia Leistner. Maisons des Éditions, 2004. Disponível em: <https://maisondeseditions.fr/tp/pt.php>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- DEBORD, Guy. Teoria da Deriva. Texto originalmente publicado no nº 2 da Revista Internacional Situacionista em 1958. In: JACQUES, P. B (orgs.) Apologia da Deriva: Escritos situacionistas da cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- GHIRARDELLO, Nilson. Bauru em temas urbanos. São Paulo: ANAP, 2020. E-book, 353 p. ISBN: 978-65-86753-04-2. Disponível em: <